



A TRIÁDE TEMPORAL EM SANTO AGOSTINHO E SUAS IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS-PEDAGÓGICAS: REFLEXÕES SOBRE O TEMPO, A MEMÓRIA E O ENSINO

João Batista de Andrade Filho¹

Francisco Ari de Andrade²

SAINT AUGUSTINE'S TEMPORAL TRIAD AND ITS EDUCATIONAL IMPLICATIONS: REFLECTIONS ON TIME, MEMORY, AND TEACHING

Resumo:

O presente artigo é resultado de proposta de pesquisa submetida em estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará, cujo escopo consistia em uma investigação filosófica sobre a concepção de tempo presente na filosofia de Santo Agostinho, focando sua análise no conceito de tríade temporal — presente do passado (memória), presente do presente (atenção ou percepção) e presente do futuro (expectativa) — apresentada nas Confissões. A pesquisa buscou subsídios nessa teoria agostiniana no intuito de compreender como essa estrutura do tempo pode permitir reflexões sobre práticas pedagógicas, mesmo contemporâneas, principalmente no que diz respeito à valorização da memória, da escuta atenta e da projeção de expectativas no processo de ensino-aprendizagem. A metodologia para a consecução da proposta envolveu uma revisão bibliográfica e análise interpretativa de textos filosóficos e pedagógicos, com o objetivo de construir uma ponte entre o pensamento agostiniano e a práxis educativa. A investigação visou refletir sobre uma educação mais humanizada, em que a temporalidade do sujeito seja considerada elemento central no processo formativo.

Palavras-chave: Tríade temporal 1. Ensino 2. Santo Agostinho 3.

Abstract:

The present article stems from a research proposal submitted during a postdoctoral fellowship in the Graduate Program in Brazilian Education at the Federal University of Ceará. The study undertook a philosophical investigation into Saint Augustine's conception of the present time, centering its analysis on the notion of the temporal triad — the present of the past (memory), the present of the present (attention or perception), and the present of the future (expectation) — as articulated in the Confessions. The research sought to draw on this Augustinian framework to understand how such a structure of time can inform reflections on pedagogical practices, including contemporary ones, particularly with regard to the valuing of memory, attentive listening, and the projection of expectations within the teaching-learning process. The methodological approach involved a comprehensive literature review and interpretative analysis of philosophical and educational texts, with the aim of establishing a conceptual bridge between Augustinian thought and educational praxis. The investigation sought to advance reflections on a more humanized form of education—one in which the temporality of the subject is recognized as a central dimension of the formative process.

Keywords: Temporal triad 1. Teaching 2. Saint Augustine 3.

¹Pós-doutorando em Educação Brasileira, Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal do Ceará. Professor de Filosofia da Rede Oficial de Ensino do Estado do Ceará - Seduc. Lotado na EEMTI Professora Adélia Brasil Feijó.

<https://orcid.org/0000-0002-1196-6711>

²Pós-Doutorado em Educação e Contemporaneidade, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE, do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Contemporaneidade (EDUCON/CNPq/UFS), da Universidade Federal de Sergipe - UFS. (²⁰¹⁴). Pós-Doutorado em História da Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE, Linha História da Educação, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB (²⁰²²). Líder do Grupo de Pesquisa em História da Educação do Ceará - GEPHEC, certificado pelo CNPq. Professor Titular da Universidade Federal do Ceará - UFC, lotado no Departamento de Fundamentos da Educação - DFE, da Faculdade de Educação - FACED. Docente/pesquisador do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE, da Linha de Pesquisa em História e Memória da Educação, do Eixo História da Educação, Instituições Escolares e Biografias e do Programa de Pós-graduação em Tecnologia Educacional - UFC, da Linha de pesquisa Gestão e Políticas em Tecnologia Educacional, do eixo Políticas Educacionais e Tecnologias. Doutor em Educação, com concentração em História e Memória da Educação pelo PPGE-UFC(²⁰⁰⁵).

<https://orcid.org/0000-0002-3028-9867>

1. INTRODUÇÃO

As questões acerca do tempo têm sido objeto de reflexão filosófica desde a Antiguidade e com diferentes abordagens, tanto no âmbito literário, bem como no científico, em especial as da Física em suas diferentes versões, ou propriamente as filosóficas. Desta feita, tal categoria ora é considerada como um ente externo, em que sua percepção se dá na relação do espaço com o movimento num dado instante, ora definida como um ente de interioridade, em que as percepções subjetivas são o único testemunho de sua existência³.

Entre os pensadores que mais profundamente contribuíram para a compreensão subjetiva do tempo está Santo Agostinho (354 – 430 d. C.), cuja obra *Confissões* (1997) apresenta uma concepção considerada inovadora, por muitos pensadores contemporâneos⁴, e ainda radicalmente introspectiva. Na teoria agostiniana, o tempo não é considerado meramente um ente físico passível de mensurabilidade externa, como nas concepções aristotélica ou newtoniana, mas, muito mais uma experiência vivida, localizada na alma humana. As dimensões do tempo, na visão agostiniana e segundo Gilson (2006, p.365), não existem senão como dimensões que se deixam revelar na subjetividade, seja através do presente do passado (memória), do presente do presente (atenção ou percepção) e do presente do futuro (espera).

Essa estrutura, conhecida como tríade temporal agostiniana, propõe uma visão integradora da existência humana e abre espaço para importantes reflexões sobre a formação do sujeito, e isso, certamente, se estenderia especialmente para o campo da educação. Ao situar a possibilidade da mensuração da temporalidade no interior da alma (GILSON, 2006. p. 368), pode ser apreendido da filosofia do referido bispo hiponense, por exemplo, que o aprendizado não deve ser um ato fragmentado ou meramente cronológico, mas um processo que envolve a reconstrução da memória, a vivência atenta do presente e a projeção de sentidos para o futuro. Desta forma, as reflexões daí decorrentes, notadamente no campo educacional-pedagógico podem contribuir sobremaneira na ampliação do debate e da visão em voga sobre educação, considerando, por exemplo, com Freire (1996, p. 9-11), que o aluno é um ser histórico, dotado de vivências passadas, expectativas futuras e um presente ativo de construção do conhecimento.

Diante dos desafios enfrentados na educação contemporânea — como a hiperaceleração do tempo, o excesso de informações, a fragmentação da atenção, a desvalorização da memória, ou mesmo sua terceirização (dado que gradativamente vai se intensificando a dependência da memória externa, notadamente eletrônica) — torna-se fundamental refletir o fazer pedagógico também sob essa perspectiva. Sendo assim, a partir da tríade agostiniana, é possível refletir, à luz das teorias educacionais, sobre o ritmo das aprendizagens, a escuta dos educandos, a importância de sua história pessoal e a construção de sentido na educação? O intento desse trabalho, que parte da reflexão sobre a tríade temporal na filosofia agostiniana, entendida como instrumento conceitual para repensar práticas pedagógicas contemporâneas, é apontar caminhos de reflexão sobre essas possibilidades, vislumbrando-se a possibilidade de uma aproximação entre filosofia e educação que valorize a subjetividade, a experiência e a integralidade do processo formativo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

I - O tempo em destaque para Santo Agostinho

Santo Agostinho elegeu o tempo como categoria urgente e importante de sua teoria, porém, ao modo em que o fez, considerou-o sob o grau de dificuldade tanto em sua definição, como em lidar com ele, tanto que, ao tratar sobre o tema nas *Confissões*, ao fazer a pergunta “o que é o tempo?”, ele mesmo respondeu de maneira jocosa: “se ninguém me pergunta, eu sei; porém, se quero explicá-lo a quem me pergunta, então não sei.” (AGOSTINHO, 1997. p. 342). Com a resposta nestas proporções, o referido filósofo, portanto, considera o tempo como uma realidade complexa cuja compreensão se dá, apropriadamente, a partir da dimensão da subjetividade. Ele reflete, nas suas *Confissões* que, embora possamos experimentar o tempo, a partir das mudanças e do movimento do mundo físico, pelas sensações, não podemos definir, com isso, claramente o que ele é. É desta forma que o tempo se constitui como questão filosófica por excelência, na visão agostiniana. Tanto pelo próprio grau e complexidade em explicá-lo, quanto ainda pelas lacunas deixadas por qualquer explicação, ou definição, ao tentar dar cobro da questão de forma definitiva.

³Ver Pierre Duhem. *Les système du monde: histoire de doctrines cosmologiques de Platon a Copernique.Tome Premier*. Disponível em:<https://archive.org/details/lesysstemedumond01duhe/page/n7/mode/2up> Acesso em: 07/12/2025.

⁴Ver, por exemplo: HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*; RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Vol. I; GILSON, Etienne. *Introdução ao Estudo de Santo Agostinho*; MARROU, Henri-Iréné; *Saint Augustin et la fin de la Culture Antique*; PIEPER, Josef. *Abuso da Linguagem, Abuso do Poder e Ensaio sobre Santo Agostinho*

E por que o tempo ganhou destaque na obra agostiniana? Não resta dúvida que a teoria proposta por Santo Agostinho estará coerente com sua superação das teses materialistas do maniqueísmo, resultando na aceitação de Deus como o Ser Criador, cuja criação se dá a partir do nada, a chamada *creatio ex nihilo*. Segundo Gilson (2006, p. 358), daqui vislumbra-se a possibilidade de explicar como o eterno e o imutável produziram o temporal e o mutável.

O primeiro problema a ser resolvido é relativo ao momento da criação. A Escritura declara: *In principio creavit Deus coelum et terram* (Gn. 1. 1). É possível haver muitas maneiras de compreender o sentido de "in principio", mas, qualquer que seja a interpretação à qual nos atenhamos, pelo menos é evidente que a Escritura refere-se com isso a um começo a todas as criaturas. Ora, dado que o tempo é mudança por definição, ele também é uma criatura. Houve, portanto, um começo e, por consequência, nem as coisas que duram nem o tempo são eternos. (GILSON, 2006, p. 360).

O tempo, portanto, também entra na categoria da criação. Agostinho (1997, p.194) argumenta e sustenta que, antes da criação, não havia tempo, pois este é obra da Vontade de Deus, enfatizando que o tempo não é eterno, mas uma modalidade de existência que surge com o mundo e pertence às criaturas. Essa visão é reveladora, sob certo aspecto, da distinção fundamental entre a eternidade de Deus e a condição de nossa finitude humana, dado que Deus é eterno de modo absoluto, não somente sem começo ou fim, mas também sem sucessão, sem antes e depois. A eternidade divina, portanto, não é um "tempo infinito", mas um estado de presença absoluta, no qual tudo é simultâneo e imutável. Assim, dizer que o tempo funciona como um sinal de nossa condição finita implica reconhecer na própria estrutura temporal, marcada pela mudança e pela irreversibilidade e pela nossa impossibilidade de retomarmos o que passou a revelação de nossos limites essenciais e nossa própria mutabilidade. Nessa experiência, a alma descobre sua potencialidade e sua abertura ao eterno⁵. Ao perceber a efemeridade temporal, o ser humano dá início ao movimento de interiorização da alma que o conduz aos chamados graus que consistem em atenção a si, a descoberta da alma racional e por fim, o encontro de Deus como Verdade íntima e fundamento do Ser. (AGOSTINHO, 1997, p. 196).

O tempo não apenas mede a sucessão dos momentos, mas expõe a fragilidade do nosso modo de existir, expondo a possibilidade do caminho descrito acima. Se o ser humano estivesse plenamente realizado

em si mesmo, imutável e completo, não seria possível experimentar o tempo nestas condições e, justamente porque somos incompletos, o tempo se impõe como mestre e testemunha da nossa contingência (AGOSTINHO, 1997, p. 205).

A experiência humana do tempo é descrita por Santo Agostinho, conforme Gilson (2006, p. 367), como uma *distensio animi* ou seja, o tempo enquanto uma distensão da alma, e isso aprofunda a percepção, dado que ela possibilita a reflexão e a memória, pois torna possível "a coexistência do futuro e do passado no presente, o que permite a percepção da duração e sua medida (GILSON, 2006, p. 367). Vivemos estendidos entre três dimensões que nunca coincidem plenamente: lembramos o que já não é, contemplamos um presente que se esvai, e antecipamos um futuro que ainda não existe. Essa dilatação interior indica não apenas que somos seres em movimento, mas também que somos incapazes de reter a totalidade do nosso ser num único instante (AGOSTINHO, 1997, p. 298–299). A unidade perfeita entre passado, presente e futuro seria possível somente a um ser eterno, cujo ser não está sujeito à mutabilidade. Em nós, essa unidade se rompe continuamente, e é dessa ruptura que nasce a temporalidade (AGOSTINHO, 1997, p. 333–334).

Nesse sentido, o tempo se torna um espelho de nossa própria incompletude. Mostra que dependemos do passado para compreendermos quem somos e dependemos do futuro para projetar quem desejamos ser. A finitude humana se manifesta na urgente necessidade de recordar e de esperar. A memória e a expectativa não são meros fenômenos psicológicos, mas sinais ontológicos de que o ser humano não possui a plenitude do ser em si mesmo (GILSON, 2006, p. 369). A antropologia agostiniana mostra que o ser humano é um ser a caminho, sempre em formação, sempre em busca de algo que ultrapassa o instante presente. Na necessidade de voltar-se para si, vislumbra-se a realidade da transcendência, pois em Santo Agostinho, a exigência de um retorno à interioridade não se encerra na própria alma. É precisamente nesse movimento que o ser humano intui a presença do transcendente, o caminho pelo qual se vislumbra a realidade de Deus⁶.

II - A memória, a atenção e a expectativa.

A reflexão de Santo Agostinho sobre a interioridade humana permanece central para uma compreensão profunda do processo formativo humano. Em obras como *Confissões* e *De Trinitate*, o autor apresenta a memória, a atenção e a expectativa como dimensões

⁵Santo Agostinho. *Sobre a Potencialidade da Alma - Cap. 14.* (2013)

⁶Ver *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1997 p. 253, e *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 398.

constitutivas da experiência temporal, articuladas à identidade e à formação integral do sujeito. Na perspectiva agostiniana, a memória é concebida como um espaço interior no qual se preservam experiências, conhecimentos e afetos, possibilitando ao indivíduo reconhecer sua própria história e estruturar sua identidade. Trata-se, portanto, de uma potência da alma que ultrapassa o mero armazenamento de informações. (AGOSTINHO, 2013, p. 35-40)

Gilson (2006, p. 369-370) destaca que Agostinho inaugura uma abordagem filosófica inédita da memória ao compreendê-la como dimensão ontológica e espiritual, e não apenas psicológica. Sales (s/d, p. 17) corrobora essa compreensão afirmando que a formação, no contexto agostiniano, envolvendo a constituição do sujeito interior, contrasta com modelos de educação centrados exclusivamente na mera transmissão e retransmissão de conteúdos. Estando bem, além disso, a memória desempenha papel essencial na formação integral, pois oferece ao indivíduo continuidade e sentido.

A atenção, por sua vez, é descrita por Santo Agostinho como o ponto de contato entre presente, passado e futuro. Guillon (2006) observa que, segundo o autor, o presente só se torna efetivamente real quando a alma o apreende por meio da atenção, configurando-o como dimensão ativa e consciente da temporalidade. Seria como um ponto de partida da efetiva sensibilidade. Dessa perspectiva, a atenção assume função formativa, uma vez que possibilita ao sujeito discernir, agir deliberadamente e participar de modo crítico do mundo.

No que se refere à expectativa, Santo Agostinho a interpreta como o movimento interior que orienta a alma para o futuro, ou seja, às possibilidades, articulando-se ao desejo e à esperança. Para Marrou (1973), essa abertura ao porvir revela a dimensão pedagógica da esperança na antropologia agostiniana: o sujeito se forma não apenas pelo que recorda ou pelo que vive no presente, mas também pelo horizonte que projeta e pela direção que imprime à própria vida.

Gilson (2007) argumenta que memória, atenção e expectativa compõem um dinamismo unitário da alma, estruturando a experiência humana do tempo e a formação integral do indivíduo. Essa unidade demonstra que o desenvolvimento pleno não se reduz aos aspectos cognitivos, mas abrange também a interioridade, a consciência e a capacidade de projetar-se de modo responsável e ético.

Esse diálogo pode ser ampliado com perspectivas contemporâneas da educação. Freire (2011) afirma que a

formação não se resume à transmissão mecânica de informação, mas implica consciência crítica, autonomia e abertura ao futuro, elementos que convergem com a noção agostiniana de expectativa. Autores como Lonergan Apud Henriques (2007), por sua vez, descrevem o processo educacional como um movimento interior contínuo de atenção, insight e juízo, reforçando a centralidade da interioridade no desenvolvimento humano. Pieper (2017) acrescenta que a atenção contemplativa é condição para a vida intelectual, permitindo ao sujeito acolher a realidade de forma integral e reflexiva.

Assim, observa-se que, tanto em Agostinho quanto em autores contemporâneos, a formação integral é compreendida como um processo que articula memória, atenção e expectativa de modo harmonioso. Esse conjunto possibilita ao indivíduo reconhecer o passado como fonte de sentido, agir conscientemente no presente e orientar-se com esperança em direção ao futuro, constituindo-se como sujeito pleno e autônomo.

III – Implicações educacionais-pedagógicas na Obra de Santo Agostinho

Conforme já aludido nas passagens do texto acima, a reflexão agostiniana acerca do tempo, da interioridade e da eternidade revela não apenas uma profunda investigação metafísica, mas também importantes implicações de ordem educacional e pedagógica. Em Santo Agostinho, a condição humana é marcada pela tensão entre o tempo e o eterno, entre a mutabilidade das criaturas e a imutabilidade divina. Tal tensão não é meramente teórica, mas constitui o próprio movimento formativo do ser humano, que, ao reconhecer sua finitude, desperta para a busca do sentido último da existência, que é Deus.

Para Santo Agostinho, tudo aquilo que muda aponta para aquilo que não muda. É o mesmo princípio detalhado em *A Ordem* (2018), aonde as mudanças e imperfeições das criaturas nos conduzem à contemplação da eternidade e da imutabilidade de Deus. O caráter transitório do mundo criado, no qual tudo tem um começo e finda, remete necessariamente àquilo que é plenamente real e estável: o Eterno. Em *A Cidade de Deus* (2022), o autor também enfatiza que a própria mutabilidade das criaturas testemunha a distinção radical entre o tempo criado e a eternidade divina (AGOSTINHO, 2022, XI 4-6). O tempo, portanto, não é apenas um dado cosmológico mensurável, mas um sinal existencial que denuncia a condição finita do ser humano e, ao mesmo tempo, sua abertura ao infinito.

Essa concepção possui profundas implicações pedagógicas. Ao reconhecer que o tempo evidencia nossa finitude, Santo Agostinho também revela seu valor formativo, pois é justamente a insuficiência do tempo que desperta no ser humano o desejo do eterno. As experiências da perda, da mudança e da fragmentação não devem conduzir o ser humano ao desespero, muito ao contrário, pode e deve tornar-se um motor de busca e de aprendizado, num processo transcendente. Na verdade, interioridade e transcendência. Em termos educativos, isso significa compreender a formação humana como um processo que não se esgota na aquisição de conhecimentos técnicos ou utilitários, mas que envolve o cultivo do sentido, da transcendência e da Verdade.

A eternidade divina, segundo Santo Agostinho, não deve ser compreendida como um prolongamento indefinido de instantes sucessivos, mas como a plenitude de um presente absoluto que não passa (AGOSTINHO, 1994. IV 20–21). Essa noção rompe com uma compreensão linear e meramente quantitativa do tempo, tão presente em modelos educacionais excessivamente pragmáticos. Sob essa perspectiva, a educação não se reduz a cumprir etapas cronológicas ou metas temporais, mas deve favorecer experiências significativas que toquem a interioridade do sujeito e contribuam para sua formação integral.

Desse modo, a temporalidade, longe de ser apenas um dado físico, assume em Agostinho o caráter de um caminho interior. Trata-se de um percurso que conduz o indivíduo à consciência de sua dependência, de sua fragilidade e, simultaneamente, de sua abertura para Deus, cuja eternidade sustenta e transcende o tempo humano (AGOSTINHO, 1994. XV, 7 – 12). Em termos pedagógicos, isso implica reconhecer o educando como um ser em processo, marcado por limites, mas dotado de uma capacidade profunda de interiorização e transcendência.

Central nessa concepção é a noção de interioridade, como já exposto ao longo deste texto. Santo Agostinho desloca a reflexão sobre o tempo do âmbito exclusivamente externo para a experiência interna da alma humana. O tempo, para ele, é vivido na consciência, como distensão da alma entre passado, presente e futuro. Assim, a experiência temporal está diretamente vinculada à vida interior e constitui uma condição fundamental da existência humana. Essa ênfase na interioridade torna-se o ponto de partida de toda a filosofia agostiniana e oferece uma base sólida para uma pedagogia que valorize a reflexão, a escuta interior e o autoconhecimento.

No tratado *A Verdadeira Religião*, Santo Agostinho (2024) exorta: "não vás para fora; volta para dentro de ti mesmo; no interior do homem habita a verdade". Essa afirmação não deve ser compreendida como um convite ao subjetivismo ou ao isolamento do mundo, mas como um chamado à profundidade do ser. Conforme destaca Buzzi (1990, p. 20), Agostinho não estabelece uma oposição entre método subjetivo e objetivo, pois a questão do Ser é anterior a ambos. A busca interior não exclui a realidade externa, mas a ilumina a partir de um fundamento mais originário.

O voltar-se para o interior, portanto, não significa uma fuga do mundo, mas um reencontro com o Fundamento do sentido. A questão do ser é prévia aos esquemas de dentro e fora, assim como a aurora é anterior às diversas modalidades do dia. Trata-se de uma experiência irrecusável da necessidade de busca, que constitui o cerne da formação humana. Do ponto de vista educacional, essa concepção desafia práticas pedagógicas superficiais e instrumentalizadas, convidando educadores e educandos a reconhecerem a educação como um processo de interiorização e discernimento.

Conforme Sales (2021), a noção de interioridade em Santo Agostinho remete àquilo que no ser humano é mais originário e autêntico: o núcleo da consciência no qual se torna possível o encontro com a Verdade. Ao advertir que os homens se deixam fascinar pelas grandezas exteriores da natureza bem como negligenciam o conhecimento de si mesmos, Agostinho denuncia uma forma de alienação que dispersa o sujeito e o afasta de sua própria identidade. No campo educacional, essa crítica revela-se especialmente atual, uma vez que processos formativos excessivamente voltados ao acúmulo de informações e ao desempenho externo tendem a obscurecer a dimensão reflexiva e ética do educando. Recuperar a interioridade, nesse sentido, não significa negar o mundo, mas oferecer ao sujeito critérios internos de sentido para nele atuar de modo consciente de sua condição e natureza.

Dessa forma, as implicações educacionais e pedagógicas na obra de Santo Agostinho apontam para uma compreensão da educação como processo de formação integral, no qual o conhecimento se articula à vida interior, à responsabilidade moral e à abertura ao transcendente. Educar, à luz do pensamento agostiniano, é conduzir o ser humano a um percurso de unificação interior, no qual o tempo vivido deixa de ser mera sucessão fragmentada e se torna ocasião de amadurecimento e sentido. A educação assume, assim, a tarefa de orientar o sujeito para além da dispersão, ajudando-o a reconhecer, no interior de sua própria

experiência, a presença da verdade que fundamenta e orienta sua existência.

3. METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma metodologia interpretativa para a leitura de obras filosóficas e educacionais, baseada na hermenêutica filosófica, que compreende o texto como um conjunto de significados a ser reconstruído pelo leitor (Gadamer, 1997; Ricoeur, 2014; Freire, 1996). O objetivo foi compreender conceitos, intenções e contextos, relacionando-os a reflexões atuais sobre a educação.

O procedimento metodológico começou com uma leitura contextual, que situou o texto em seu contexto histórico, social e intelectual. Em seguida, realizou-se uma leitura estrutural, voltada à identificação dos principais conceitos, da organização dos argumentos e da coerência interna do texto.

Posteriormente, desenvolveu-se a interpretação hermenêutica, com base, notadamente, no "círculo hermenêutico" de Gadamer, no qual a compreensão do todo contribui para o entendimento das partes e vice-versa. Nessa etapa, conceitos filosóficos foram utilizados como apoio para refletir sobre práticas pedagógicas, ética e formação do sujeito (Ricoeur, 2014; Freire, 1996).

Quando necessário, foi realizada uma análise comparativa, permitindo o confronto entre diferentes autores e tradições teóricas, o que ampliou a compreensão crítica do campo educacional.

Por fim, a metodologia resultou em uma produção reflexiva, na qual foi possível visar a reconstrução dos significados das obras em diálogo com a própria investigação, contribuindo para a atualização conceitual e para o campo da filosofia da educação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de refletir sobre a tríade temporal agostiniana no contexto educacional revela-se pertinente tanto do ponto de vista teórico quanto prático, sobretudo diante da persistente lacuna de diálogo entre a filosofia clássica e a educação contemporânea. A compartimentalização do conhecimento, característica de muitos modelos educacionais atuais, tende a reduzir a formação humana a aspectos técnicos e operacionais, desconsiderando dimensões fundamentais da experiência do sujeito. Nesse sentido, o resgate do pensamento de Santo Agostinho - precursor da interioridade e profundo intérprete da condição humana

contribui para uma compreensão mais ampla e integrada do fenômeno educativo.

A concepção agostiniana do tempo, centrada na interioridade da alma e na experiência vivida, oferece um contraponto crítico às abordagens educacionais pautadas exclusivamente por cronogramas rígidos, avaliações padronizadas e resultados mensuráveis. Ao compreender o tempo como distensão da alma entre memória, atenção e expectativa, Santo Agostinho permite pensar a educação como um processo histórico e formativo, no qual o sujeito se constitui ao longo do tempo e por meio dele. Essa perspectiva valoriza os ritmos próprios da aprendizagem e reconhece que o conhecimento não se constrói de modo instantâneo, mas exige continuidade, reflexão e maturação.

Nesse horizonte, a tríade agostiniana pode ser interpretada como uma metáfora epistemológica da construção do saber. A memória corresponde à ativação do repertório de experiências e conhecimentos prévios, a atenção refere-se à presença consciente no ato de aprender, e a expectativa projeta o sentido e a aplicabilidade futura do conhecimento. Tal compreensão possui implicações diretas para a prática pedagógica, por exemplo, ao convidar para o desenvolvimento de metodologias que integrem essas dimensões, promovam espaços de escuta, respeitem a diversidade dos tempos de aprendizagem e favoreçam a construção de significados duradouros.

Por fim, este estudo reafirma a necessidade de uma reflexão educacional que ultrapasse os limites do instrumental e do utilitário, orientando-se para a formação integral do ser humano. A atualidade do pensamento agostiniano reside justamente em sua capacidade de recordar que o tempo, antes de ser medido, é vivido, e que todo ato educativo se realiza no encontro entre sujeitos históricos, portadores de memórias, atentos ao presente e abertos ao futuro.

Assim, a filosofia de Santo Agostinho permanece como um referencial fecundo para repensar a educação como experiência de sentido, interioridade e humanização.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus (XI, 4-6)**. Niterói: Teodoro Editor, 2022.
- AGOSTINHO, Santo. **A Trindade (IV, 20-21; XV, 7 -12)**. Tradução de Leonel S. Sobrinho. São Paulo: Paulus, 1994.
- AGOSTINHO, Santo. **A Ordem**. Niterói: Teodoro Editor, 2018.
- AGOSTINHO, Santo. **A Verdadeira Religião**. Petrópolis: Vozes, 2024.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1997.
- AGOSTINHO, Santo. **O Mestre (De Magistro)**. Tradução de Nair L. Chaves. São Paulo: Paulus, 2002.
- AGOSTINHO, Santo. **Sobre a Potencialidade da Alma**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BONNER, Gerald. **St. Augustine of Hippo: Life and Controversies**. Norwich: Canterbury Press, 2002.
- BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar**. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2007.
- GUITTON, Jean. **O tempo e a eternidade segundo Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2006.
- HENRIQUES, Mendo Castro. **A inovação de Bernard Lonergan**. In. **Dicta&Contradicta**, n.º 1, 2007. Disponível em: <http://www.dicta.com.br/edicoes/edicao-1/a-inovacao-de-berardlonergan/> Acesso em: 26 de Dez. De 2025.
- MARROU, Henri Irénée. **História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1973.
- PIEPER, Josef. **Elocio y la vida intelectual**. Madrid: Ediciones Rialp, 2017.
- RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- SALES, Antonio Patativa de. **Santo Agostinho: Educação e teologia**. Maringá: Viseu, s/d. (EPUB).
- WILLIAMS, Rowan. **On Augustine**. London: Bloomsbury, 2016.